

# Bíblia e literatura

*O livro sagrado gerou padrões de expressão narrativa e é uma obra-prima de síntese. Oferece ação constante e faz desfilar notável galeria de personagens*

MOACYR SCLIAR \*

**P**or quanto tempo um escritor pode ser lido? Depende do escritor, naturalmente. Alguns não ultrapassam meia dúzia de anos. Shakespeare e Cervantes já duram cinco séculos e ainda irão longe. Agora: mesmo neste arriscado tipo de estimativa, algo como 3 mil anos seria seguramente um recorde. Pois há uma obra que chegou lá. Segundo os estudiosos, a Bíblia começou a ser escrita por volta de mil anos antes de Cristo. E continua aí, um legítimo best-seller. Por quê? Porque representa a mensagem divina, dirão as pessoas religiosas. Mas a Bíblia não é só lida por crentes. Ela permite também uma leitura histórica e uma leitura literária. E isso amplia bastante o círculo de leitores. É verdade que comprovar a historicidade da Bíblia não é uma tarefa fácil. As partes iniciais do Antigo Testamento – o Genesis, por exemplo – têm um tom mítico. E tratam-se de mitos comuns a muitas outras culturas: o caso da criação do ser humano, o caso do dilúvio. A partir do Êxodo, contudo, a narrativa adquire um tom histórico, mas nem por isso automaticamente comprovável.

À medida que a historiografia foi progredindo, os debates se acentuaram, sobretudo a partir do século dezenove, quando a arqueologia começou a fornecer subsídios para o entendimento do passado bíblico. O que justifica o título de um livro recente, *The Bible Unearthed*, a Bíblia desenterrada, de dois arqueólogos, Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman. Para eles, a Bíblia hebraica “não é uma revelação milagrosa, mas um brilhante produto da imaginação humana”. Imaginação estimulada pelas circunstâncias históricas: os hebreus eram um pequeno povo, lutando pela sobrevivência num território que há milênios é cenário de conflitos, não raro sangrentos. A narrativa grandiosa substituiu os gigantescos monumentos, os enormes exércitos: um épico nacional, enfim.

E multifacético. Os especialistas conseguem identificar no texto vários estilos ou fontes, conhecidos pelas iniciais: J, de Jeová, E de Elohim (outro nome para a divindade), D de Deuteronômio, e P, de Priestly, ou Sacerdotisa. Às vezes é possível identificar esses vários estilos numa mesma frase. Isso demonstra que a Bíblia teve vários autores. Quem foram? É impossível sabê-lo. A noção de autoria, de propriedade do texto, é relativamente recente na história da humanidade. No passado mais remoto, as pessoas escreviam, mas não assinavam. O que permite interessantes especulações. Segundo o *scholar* americano Harold Bloom, J poderia ter sido uma mulher. Ele reconhece que essa posi-

ção pode ser rotulada de modismo ou ficção, mas mesmo assim vai em frente, desenvolvendo sua argumentação ao longo das mais de 300 páginas de *The Book of J*. Que possa fazê-lo mostra o potencial de erudita controvérsia existente no texto bíblico.

Anônimos, os escritores da Bíblia produziram, contudo, uma grande narrativa, a narrativa que justifica a leitura literária. Não por outra razão, aliás, Robert Alter e Frank Kermode organizaram, com a ajuda de vários e importantes colaboradores, o *Guia Literário da Bíblia*, lançado no Brasil pela Unesp. A Bíblia, diz Alter, gerou padrões de expressão literária, tanto na prosa como na poesia, que até hoje comovem leitores e influenciam escritores.

O que fascina na narrativa bíblica? Em primeiro lugar, o poder de síntese. O narrador bíblico não enche lingüça (nem poderia, em se tratando de um alimento proibido pela religião). Ele vai ao ponto, à história. Para isso, sacrifica detalhes. As paisagens não são descritas, nem os personagens: não sabemos como é Salomão, por exemplo. Aliás, Jesus também não foi descrito, o que gerou uma discussão já antiga acerca de seus traços fisionômicos – uma discussão à qual a recente imagem produzida em computador pela BBC trouxe mais uma polêmica colaboração. Não existem descrições; nem fluxo de consciência ou diálogo interior. O que o personagem pensa não importa; importa como age, porque é nas ações, na praxis, que o ser humano se justifica ou se condena. A expressão mais econômica desse estilo é a parábola, a curta história que, em poucas linhas, dá o seu recado moral, e que Kafka tanto admirava – aliás, um de seus livros chama-se *Parábolas e Paradoxos*.

A Bíblia tem a fórmula com que sonha todo produtor de Hollywood: uma trama de constante ação, a cargo de uma notável galeria de personagens. Não nos enganemos, porém: a narrativa é simples, mas não simplória. Não abdica da complexidade quando se trata de ensejar uma meditação sobre a condição humana. Dessa complexidade, os personagens dão testemunho. O Davíd que combate corajosamente Golias transforma-se no monarca maquiavélico que, para se apossar da esposa de seu oficial Urias, manda-o para um lugar perigoso na linha de batalha. Não faltam também, no diálogo divino com os personagens bíblicos, surpresas e desafios: o caso do sacrifício de Isaac.

Tudo isso justifica a conclusão de Alter e Kermode. A nossos olhos, dizem eles, a Bíblia parece a um tempo familiar e estranha. É a fórmula perfeita para uma grande obra.

\* *Escritor, colunista de ZH, autor de, entre outros livros, A Mulher que Escreveu a Bíblia*

“HOMEM”, DESENHO A CARVÃO DE LEOPOLDO GOTUZZO, 1929, ACERVO MUSEU LEOPOLDO GOTUZZO, REPRODUÇÃO/ZH

